

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A *KENŌSIS* DE JESUS EM FILIPENSES 2.5-8 COMO EXORTAÇÃO À HUMILDADE The kenosis of Jesus in Philippians 2.5-8 as an exhortation to humility

Lucas Rangel de Castro Soares¹

RESUMO

Este artigo apresentou a questão *kenótica* presente em Filipenses 2.5-8 como fundamento da prática da humildade cristã. Ele traçou o pano de fundo da epístola endereçada à igreja de Filipos, com atenção às questões introdutórias básicas. Também lidou com questões de forma, contexto literário e tradução do texto. Por fim, o trabalho analisou o trecho em questão, valendo-se de ferramentas exegéticas típicas do método histórico-gramatical e demonstrou a relação existente entre a prática da humildade cristã e o modelo dado por Jesus em sua encarnação.

Palavras-chave: Humildade. *Kenōsis*. Cristologia.

ABSTRACT

This article addressed the *kenotic* question presented in Philippians 2.5-8 as the core for the understanding and practice of Christian humbleness. It traced the background of the epistle to the church of Philippi, focusing on the fundamental introductory issues. It also dealt with form, literary context and text translation. Finally, it analyzed the passage in question using exegetical tools which are typical to the historical-grammatical method to establish the relationship between the practice of Christian humbleness and the model Jesus provided with his incarnation.

Keywords: Humbleness. *Kenōsis*. Christology.

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (2005) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008). Especialista em Revitalização e Multiplicação de Igrejas (CPAJ, 2013), em Teologia do Antigo Testamento (FTSA, 2020) e em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FABAPAR, 2020). Discente do programa de Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. Atua como pastor auxiliar na Primeira Igreja Batista de Campo Grande-RJ. E-mail: prlucasrangel@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito e falado sobre o auto esvaziamento de Jesus, conforme tratado pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses. O trecho de Filipenses 2.5-8 é conhecido por muitas pessoas apenas pela referência à *κενώσις* (*kenōsis*²) de Jesus e toda controvérsia a ela relacionada. Ocorre que esta passagem tem como objetivo central desafiar os cristãos filipenses a praticar a humildade cristã e cultivar a unidade em sua igreja, mesmo diante de dissensões que eram conhecidas por Paulo. A Cristologia presente no texto tem como função fundamentar a exortação. Os filipenses e demais cristãos devem ser humildes por causa e conforme o exemplo dado por Jesus em sua encarnação.

Este artigo, portanto, investigará o trecho de Filipenses 2.5-8 a partir do contexto geral da carta em que está inserido, tratando de questões relacionadas a autoria, data, local de composição, destinatários, mensagem, propósito e estrutura. Em seguida, o olhar se voltará à porção estudada, procurando delimitar o foco da pesquisa, definição e tradução do texto, seu lugar no argumento do autor, sua forma e estrutura literária, procurando analisar o texto em si e como se apresenta dentro do argumento do apóstolo. Feita a ambientação necessária, tanto da epístola em geral quanto do texto alvo em específico, a atenção se voltará a tarefa de comentar a passagem com vistas a levantar dados exegéticos e teológicos que confirmem que Paulo estava a apresentar uma exortação à humildade cristã que, por sua vez, só pode se alicerçar no modelo perfeito de abnegação, identificação e obediência vistos na encarnação do Filho.

Para dar conta de sua proposta, o artigo se valerá das ferramentas do método exegético histórico-gramatical e procurará interagir com autores que lidam tanto com a interpretação quanto com a teologia do texto, em especial com as questões cristológicas envolvidas. Estes esforços visam, de alguma maneira, apontar para a prática contemporânea da humildade cristã, segundo o modelo de Jesus Cristo em sua encarnação.

1. VISÃO GERAL DE FILIPENSES

No propósito de analisar de que maneira a passagem de Filipenses 2.5-8 contribui para a fundamentação da humildade cristã, é fundamental o levantamento de dados sobre a carta de Filipenses como um todo, a fim de que toda a análise seja feita a partir de seu mais amplo contexto histórico e literário. Por esta razão, nesta seção, serão apontados aspectos relevantes acerca da autoria, data, ocasião, destinatários, desenvolvimento e argumento básico da carta aos Filipenses.

1.1 Autoria

De modo geral aceita-se que seja uma carta genuína de Paulo. Esta opinião é a conclusão lógica baseada nas evidências internas da carta (Fp 1.1): “Paulo e Timóteo, servos de Cristo

² As palavras gregas são transliteradas neste trabalho segundo o padrão estabelecido em THE SBL Handbook of Style. 2nd ed. Atlanta: SBL Press, 2014. p. 59.

Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos”. Deve-se entender a presença do nome de Timóteo juntamente com o de Paulo no sobrescrito da carta não como indicativo de coautoria, mas como informação de que o jovem pastor estava na companhia do apóstolo quando da composição da epístola, tendo servido, talvez, como seu ajudante da redação da mesma. Como explicado por Mauerhofer, Timóteo é corremente, não coautor.³

Algumas objeções a esta concepção tradicional foram levantadas primeiramente por Baur no seu livro “Paulus”.⁴ Este estudioso negou a autoria paulina não somente de Filipenses, mas também de quase todas as demais cartas que sempre foram atribuídas ao Apóstolo. Para fundamentar sua opinião, Baur argumenta que a presença de assuntos referentes à heresia gnóstica, bem como formas avançadas da estrutura eclesiástica apontam para um autor pós-paulino, pois tais assuntos não poderiam fazer parte do discurso apostólico do primeiro século. Estes argumentos não se demonstram consistentes com o conteúdo da carta. Temas tipicamente paulinos estão presentes e os assuntos tidos por Baur como posteriores à época de Paulo se fazem presentes já na igreja cristã do primeiro século (At 6.1-6; 11.30; o mesmo conceito é encontrado em 2 Coríntios 8.9, carta esta que Baur considera genuinamente paulina). Outras objeções à autoria paulina de Filipenses foram levantadas por eruditos da chamada escola de Tübingen, conhecida por seu radicalismo histórico-crítico. Desde o final do século XIX, porém, não tem surgido outras propostas contrárias à autoria paulina que sejam dignas de crédito.⁵

1.2 Data e local

Caso se defenda que a carta foi escrita em Éfeso, a data mais provável é entre 52 e 55 a.D., período em que o apóstolo residia em Éfeso. Sabe-se que Paulo estava preso enquanto escrevia a carta. Alguns defendem que Paulo também havia sido preso em Éfeso antes de ser preso em Jerusalém e apelar a César. Sabe-se que Paulo passou um período preso em várias cidades até finalmente chegar em Roma para ser julgado pelo imperador⁶. O fato de haver na carta uma menção a guarda pretoriana pode apontar para Roma como o local de origem da epístola. Neste caso a data mais provável seria 61 a.D. Há controvérsias com relação a expressão *πραιτώριον* se referir a guarda pretoriana ou a sede de alguma província romana. Porém a declaração de Paulo de que ele corria risco de vida indica que o julgamento decisivo estava por vir e tal julgamento teria de ser em Roma realizado pelo próprio imperador. Com base em tais argumentos, é mais razoável aceitar que Filipenses foi escrita em Roma.⁷

³ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 447.

⁴ “Foi Ferdinand Christian Baur que, dirigindo um cerco contra a fortaleza da doutrina cristã tradicional, efetuou um assalto contra a autoria paulina de todas as cartas que levam o nome do apóstolo, com exceção de Gálatas, 1 e 2 Coríntios e Romanos”. Citado em HENDRIKSEN, William. **Efésios e Filipenses**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 388.

⁵ DE BOOR, Werner. **Carta aos Filipenses: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2006, p. 161.

⁶ MAUERHOFER, 2010, p. 453.

⁷ PINTO, Carlos Osvaldo C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 357.

1.3 Destinatários

A cidade de Filipos tem seu nome devido a uma honra a Filipe II da Macedônia. Antes conhecida como Crenides, a cidade teve seu nome alterado devido às obras de ampliação e embelezamento realizadas por Alexandre, o Grande, filho de Filipe II. Sua importância está na sua posição entre Roma e as cidades provinciais da Ásia, ligando o comércio através da estrada romana. Filipos era uma colônia romana e seus habitantes eram na sua maioria soldados romanos aposentados. A ausência de citações do Antigo Testamento e de nomes judeus na carta indica que a igreja de Filipos era constituída na sua maioria de gentios.⁸

1.4 Propósito

Numa leitura cuidadosa da carta, é possível identificar que o objetivo do apóstolo Paulo ao escrever aos filipenses era agradecer àquela igreja pela oferta mandada a ele, relatar o que estava acontecendo e encorajá-los a se manterem firmes na fé, com humildade e unidade, alegrando-se diante de tais circunstâncias para que não caíssem nos ensinamentos errôneos dos judaizantes e antinomistas (cf. Fp 3). Além disso, Paulo deseja recomendar Timóteo e Epafrodito à igreja de Filipos. Pode-se assim descrever o propósito da carta como: *Louvar a Deus pelo seu crescimento e encorajá-los à unidade, alegria e fidelidade no serviço a Cristo e uns aos outros.*

1.5 Mensagem

Segundo Pinto, a mensagem da epístola aos Filipenses pode ser assim resumida: “A vitalidade contínua do evangelho entre os filipenses e a garantia de que o evangelho continuará a crescer por meio deles”.⁹ Termo fundamental para o argumento deste escrito é a alegria. Numa carta de 104 versículos divididos em quatro capítulos, o verbo χαίρω (*chairō*) ou o substantivo χαρά (*chairō*) aparecem 14 vezes em 12 versos.¹⁰ O chamamento do apóstolo é em direção à alegria no Senhor, a despeito dos sofrimentos que possam sobrevir sobre ele mesmo ou sobre seus leitores. Além disso, esta alegria oriunda da salvação em Cristo Jesus deveria produzir disposição para o serviço e a unidade entre os membros da igreja. Tudo isto sem que o cuidado para com os falsos ensinamentos fosse relegado a segundo plano. Desta maneira, a partir da observação do texto e da proposta citada acima, pode-se sintetizar a mensagem da epístola aos filipenses desta maneira: *Uma grata exortação aos filipenses à alegria e unidade, motivadas pelo puro evangelho, no serviço a Deus e uns aos outros.*

1.6 Estrutura da carta

1 - Saudação inicial: Paulo e Timóteo desejam a graça e a paz de Cristo aos líderes e demais crentes da igreja de Filipos (1.1-2).

⁸ PINTO, 2014, p. 359.

⁹ PINTO, 2014, p. 368.

¹⁰ ALAND, Barbara *et al* (orgs.). *Novum Testamentum Graece*. 28. rev. Auf. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

2 - Sofrimento (1.3-30):

- a) Paulo se alegra com a colaboração e piedade dos filipenses, mesmo estando preso (1.3-11).
- b) Paulo se alegra em Cristo a despeito de seu sofrimento e estimula os filipenses a seguirem o seu exemplo (1.12-30).
 - a. Paulo se alegra com a expansão do evangelho mesmo estando preso (1.12-18).
 - b. Paulo se alegra, pois sabe que Cristo será exaltado por sua libertação ou por seu martírio (1.19-26).
 - c. Paulo exorta os filipenses a permanecerem unidos na luta pela fé, ainda que lhes sobrevenha sofrimentos como estava ocorrendo com o Apóstolo (1.27-30).

3 - Submissão (2.1-30):

- a) Paulo exorta os filipenses a completarem a sua alegria praticando a humildade como Cristo exemplificou (2.1-11).
- b) Paulo exorta os filipenses a continuarem cultivando a submissão a Deus por causa do exemplo de Cristo para se diferenciar do mundo (2.12-18).
- c) Paulo demonstra a submissão que ele espera dos filipenses nos exemplos de Timóteo e Epafrodito (2.19-30).

4 - Salvação (3.1-4.1):

- a) Paulo destaca a alegria de possuir a Salvação pela fé em contraste com a inutilidade dos valores dos judaizantes (3.1-11).
- b) Paulo afirma o caráter dinâmico e transformador da salvação em contraste com o perfeccionismo e a libertinagem (3.12-4.1).

5 - Santificação (4.2-20):

- a) Paulo ordena aos filipenses que vivam a santificação através da reconciliação, da amabilidade, da oração e do cuidado com as próprias mentes (4.2-9).
- b) Paulo agradece as ofertas enviadas pelos filipenses, ensinando-os, pelo exemplo, a viverem uma vida de simplicidade e desprendimento (4.10-20).

6 - Saudação final: Paulo se despede dos seus leitores com o cumprimento dos que estão com ele e clama pela graça de Deus sobre os seus leitores (4.21-23).

2. TEXTO E CONTEXTO DE FILIPENSES 2.5-8

O foco agora é a passagem de Filipenses 2.5-8. Este texto tem sido alvo de muito debate devido à questão *kenótica*. Mais significativa para a análise do texto e suas implicações para a humildade cristã é, porém, a φρόνησις (*phronēsis* “atitude”) *kenótica*. Não se pode perder de vista que, só é possível compreender o auto esvaziamento de Jesus a partir do argumento de Paulo em sua exortação à humildade.

2.1 O Texto e sua Tradução

Deve-se justificar os porquês da seleção do texto ora estudado. A delimitação do objeto de análise deste artigo pode suscitar dúvidas, sendo necessária explicação plausível. Em primeiro lugar, destaca-se que Filipenses 2.5-8 não se trata de perícopo completa. Uma nova unidade de pensamento se inicia no primeiro verso do capítulo dois. Até o versículo 11, Paulo exorta os filipenses a completarem a sua alegria praticando a humildade como Cristo exemplificou. Contudo, o argumento desenvolvido na porção maior ganha novo contorno a partir do verso 5 uma vez que o autor inclui em sua exortação um exemplo a ser seguido. Isto pode ter ensejado, inclusive, que algum copista tenha incluído a conjunção γάρ (*gar*) no versículo 5 com o objetivo de estabelecer mais claramente a relação causal entre a preocupação que se deve ter com os outros em detrimento de si mesmo (Fp 2.4) e o imperativo φρονεῖτε (*phroneite*) do verso 5.¹¹ Por outro lado, no verso 9, o hino iniciado no versículo 6 ganha uma nova direção com a expressão διὸ καί (*dio kai* “Pelo que também”)¹² que serve para deixar claro que a razão dos v. 9-11 é o que foi dito nos v. 5-8. Sendo assim, mesmo inserido numa unidade de pensamento maior, o texto em tela pode ser analisado de forma específica sem prejuízo para sua correta compreensão.

Em segundo lugar, Filipenses 2.5-8 possui um tema específico que não está presente nos trechos anterior e posterior. Nos versos imediatamente anteriores, Paulo explicita sua exortação à humildade e à unidade. O trecho de 9 a 11 trata da exaltação e do senhorio de Jesus Cristo. Tanto a exortação à humildade dos filipenses quanto a exaltação futura do Cristo encontram sua razão de ser na humilhação auto afligida do Filho de Deus, e este é o tema exclusivo da porção objeto deste estudo. Isto faz com que haja uma temática teológica que emerge desta passagem em especial e que justifica seu estudo de forma mais atenta.

O objeto deste estudo, portanto, é o de Filipenses 2.5-8, conforme se apresenta na leitura da vigésima oitava edição de *Novum Testamentum Graece*¹³:

τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν ὃ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἄρπαγμὸν ἠγῆσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ, ἀλλ’ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος ἐταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ.

A tradução proposta é:

Tende em vós a atitude que também houve em Cristo Jesus, o qual, embora existisse em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devia se apegar; mas esvaziou a si mesmo tomando forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e sendo achado em aspecto

¹¹ OMANSON, Roger L.; METZGER, Bruce Manning. **A Textual Guide to the Greek New Testament**: an adaptation of Bruce M. Metzger’s Textual commentary for the needs of translators. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p. 403. De qualquer forma, é preferível a leitura que exclui γάρ, uma vez que seria mais difícil justificar sua omissão do que seu acréscimo.

¹² διὸ καί portanto... também, denota que a inferência é auto evidente. ARNDT, William; *et al* (edits.). **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 250.

¹³ ALAND; *et al*, 2012.

humano; humilhou a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.¹⁴

2.2 Passagens paralelas

Os temas principais presentes em Filipenses 2.5-11 podem também ser encontrados em outros textos canônicos. Alguns exemplos são dignos de destaque. No texto bíblico de Marcos 10.43-45, fica claro que o Filho do Homem veio como servo. Em seu Reino, o maior é aquele que serve enquanto os que pretendem posições superiores serão servos de todos os demais. O próprio Rei desempenhou serviço sacrificial pela humanidade, e seu ato máximo de serviço foi sua própria morte em favor de muitos. No texto do evangelho de João 13.1-12, observa-se as ações de Jesus ao lavar os pés de seus discípulos encontram eco na descrição paulina da auto-humilhação do Filho de Deus. No texto bíblico da epístola aos Romanos 8.3, a expressão ὁμοίωματι σαρκὸς ἁμαρτίας (*homoiomati sarkos hamartias* “em semelhança de carne pecaminosa”) está relacionada diretamente à expressão ὁμοίωματι ἀνθρώπων (*homoiomati anthrōpōn* “em semelhança de homens”). Jesus se identificou plenamente com os pecadores, mas não se tornou um deles. Antes ele mesmo se entregou por sacrifício puro pelos pecados da humanidade. Em Hebreus 2.9-18, o autor destaca a importância da identificação de Jesus com a humanidade que ele veio resgatar. A humilhação do Cristo tem papel fundamental nisto, uma vez que é a base para seu socorro aos que lutam contra o pecado. Também é fundamento para o livramento da morte, porquanto era necessário que ele morresse como homem. E, finalmente, esta humilhação é uma jornada messiânica que referendaria Jesus como o verdadeiro Ungido enviado por Deus segundo as suas promessas do Antigo Testamento.

2.3 Tema e estrutura do texto

Conforme, defendido anteriormente, o texto estudado apresenta um tema central que pode ser assim definido: A exortação à humildade tem seu respaldo no exemplo de Jesus em desprender-se e esvaziar-se de sua condição divina, humilhando-se até a morte de cruz.

Este tema é desenvolvido seguindo a estrutura abaixo:

- 1 - A exortação à humildade tem seu respaldo na imitação da atitude de Jesus (Fp 2.5).
- 2 - A exortação à humildade se baseia no exemplo de Jesus (Fp 2.6-8).
 - a) O exemplo de Jesus fundamenta-se na abnegação em relação a sua eterna condição divina (Fp 2.6).
 - b) O exemplo de Jesus inclui seu auto esvaziamento voluntário (Fp 2.7).
 - a. Ao esvaziar-se, Jesus tomou a forma de servo.
 - b. Ao esvaziar-se, Jesus tornou-se semelhante aos homens.
 - c. Ao esvaziar-se, Jesus foi achado em figura humana.
 - c) O exemplo de Jesus envolve obediência até sua morte na cruz (Fp 2.8).

¹⁴ Tradução para o português elaborada pelo autor do artigo a partir do texto de ALAND; *et al*, 2012.

2.4 Forma e contexto da passagem

No texto bíblico de Filipenses 2.5-8, Paulo está fazendo uma exortação direta aos seus leitores, fundamentando a sua exortação no exemplo de Jesus. Pode-se dizer que o gênero literário maior é o epistolar, dentro do qual o autor vale-se de linguagem pessoal e direta para instar a igreja de Filipos a viver concordemente segundo o modelo de humildade oferecido pelo próprio Jesus em sua encarnação e morte de cruz. Em meio ao seu argumento, é inserida uma forma poética em plena harmonia com o fluxo de pensamento expresso pelo texto. O trecho de Filipenses 2.6-11 é visto por muitos como sendo um hino cristão antigo que Paulo teria incluído em sua carta para enfatizar seu chamamento à humildade.¹⁵

Quanto à realidade imediata vivida pela igreja dos filipenses, é perceptível que enfrentava problemas de dissensões causadas por pessoas como Evódia e Síntique (Fp 4.2). Ainda que preso, Paulo afirma poder experimentar grande alegria os conflitos que produziam desunião na igreja de Filipos fossem sanados. Neste propósito, o apóstolo evoca o exemplo do próprio Jesus.

Ao observar o fluxo do argumento da epístola, percebe-se que, no contexto anterior, Paulo trata de sua situação na prisão e como é para ele um privilégio passar por isso, uma vez que tem consciência de que o nome de Cristo será engrandecido pela vida ou pela morte, pois para ele o viver é Cristo e o morrer é lucro (Fp 1.21). Paulo tem em mente que sua vida foi transformada com o propósito de engrandecer a Cristo. Ele se considera um instrumento enquanto Cristo é o mestre. Por isso a morte não o amedronta, afinal é melhor estar com Cristo (Fp 1.23). Ao mesmo tempo, ele conhece seu chamado e tem desejo de estar com os seus irmãos e ajudá-los a crescer. Por esta razão ele está convencido de que continuará com eles.

Paulo demonstra a sua condição de servo de Deus preparado para as circunstâncias que podem lhe sobrevir quando escreve aos filipenses que, não importa o que aconteça, eles devem exercer a cidadania deles de maneira digna do evangelho de Cristo, permanecendo firmes na fé, em um só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica sem se deixar intimidar por aqueles que se opõem a eles (Fp 1.27-28). Em Filipenses 1.29, o apóstolo fala do privilégio que seus leitores receberam de não apenas crer em Cristo, mas também sofrer por ele. Paulo, então, relembra do que tem passado e convida os filipenses a encararem como privilégio enfrentar situações semelhantes às que ele enfrentava. A partir deste senso de privilégio, os filipenses deveriam viver unidos, tendo o mesmo amor, o mesmo modo de pensar, um só espírito e uma só atitude. Nada do que fizessem deveria ser por ambição egoísta ou por vaidade, mas com humildade, deveriam considerar os outros em mais alta conta do que si mesmos (Fp 2.2-3).

Ao chegar no texto que é objeto deste estudo, Paulo expõe a atitude do Cristo encarnado com o intuito de exortá-los a terem atitude semelhante. O Filho Divino, majestoso e todo poderoso, veio dos céus e se fez homem, não se apegando à sua condição de igualdade com o Pai. Pelo contrário, preferiu renunciar ao seu direito em favor da humanidade com a

¹⁵ HANSEN, G. Walter. **The Letter to the Philippians**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 122-123.

qual se identificou. Seu exemplo de humilhação chegou ao seu ápice em sua morte, sendo esta morte de cruz, a mais vergonhosa e vil forma de execução da época.

O contexto posterior exibe de maneira poética que, embora tendo sido humilhado pelos homens, Jesus Cristo foi exaltado pelo Pai até a mais alta posição e dele recebeu o nome que está sobre todo o nome. Este é o nome diante do qual tudo e todos, nos céus e na terra, se prostrarão e confessarão o senhorio de Cristo para a glória de Deus Pai.

O exemplo de Cristo deveria servir de estímulo aos filipenses para crescerem na graça e serem testemunhas eficazes no mundo mal. Paulo ressalta como Timóteo e Epafrodito já desempenhavam este propósito em suas vidas. Em seguida, adverte os seus leitores com relação à ameaça judaizante e destaca a importância de, assim como o próprio apóstolo, valorizarem acima de qualquer coisa o conhecimento de Cristo.

Com relação às situações adversas, o apóstolo ensina os filipenses a terem paz. Primeiramente deveria haver paz entre eles próprios como servos de Cristo. Também paz oriunda de uma conduta pessoal digna de um cristão. E, finalmente, os filipenses deveriam desfrutar da verdadeira paz ao passar por qualquer situação que a vida lhes impusesse. Paulo encerra sua epístola com suas saudações finais.

3. O AUTO Esvaziamento de Jesus: Fundamento da Humildade Cristã

Tendo contextualizado a epístola aos filipenses e definido e ambientado a passagem objeto deste artigo, passa-se a comentar o texto com vistas ao estabelecimento da correlação intencionada pelo autor entre a humildade cristã e a κένωσις (*kenōsis*) de Jesus Cristo. É claro que, para o estudo deste texto em especial, ambos os temas somente podem ser compreendidos em conjunto. Desta maneira, a partir do tema geral do trecho estudado, a humildade cristã encontra seu fundamento na ação *kenótica*, de modo que o apóstolo fundamenta nisto sua exortação. Por esta razão, nos pontos que se seguem, os comentários serão postos conforme a estrutura literária da passagem exige. Primeiramente, Paulo indica que a atitude de Jesus é a motivação pela qual os filipenses deveriam buscar humildemente o bem uns dos outros. Em segundo lugar, o texto descreve como a encarnação de Jesus, desde a abnegação subjacente ao ato em si até a obediência final na cruz, passando por seu auto esvaziamento, decorrem exatamente desta mesma φρόνησις (*phronēsis*) que os filipenses (e todos os cristãos) deveriam imitar.

3.1 A atitude de Jesus como motivadora da humildade cristã

Já foi resumido o tema da seção compreendida pelo versículo 5 desta maneira: *a exortação à humildade tem seu respaldo na imitação da atitude de Jesus*. Para deixar claro qual atitude deve ser imitada, o apóstolo constrói a oração principal de forma muito direta: τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν (*touto phroneite en humin*). O sujeito oculto são os próprios filipenses a quem se escreve, o objeto direto é o pronome τοῦτο cujo referente é a frase ὁ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ (*ho kai en Christō Iēsou*) que, por sua vez, aponta para o hino cristológico que se inicia no versículo 6. Por fim, vale destacar que a ação principal deve acontecer “em vós”. A atitude,

pensamento ou sentimento que o autor espera que seja desenvolvido deveria ser algo interno e, ao mesmo tempo, evidente na vida dos leitores.

Neste verso (Fp 2.5), o cerne da exortação de Paulo é para que os Filipenses φρονῶσιν (*phronōsin*). A forma verbal contida no texto é φρονεῖτε (*phroneite*) e está conjugada na segunda pessoa do plural do presente do imperativo ativo. Acerca do uso do tempo presente neste tipo de passagem, Daniel B. Wallace destaca que “o uso normal do presente na literatura didática, especialmente quando introduz uma exortação, não é descritiva, mas um preceito geral que tem implicações gnômicas”.¹⁶ Isto significa que não há preocupação com o momento nem a regularidade da ação aqui. Antes, o objetivo do autor é entregar uma exortação de caráter atemporal e geral. Logo, não se pode tomar este mandamento como algo restrito a um tempo específico ou como algo que Paulo pudesse rever no futuro.

O verbo φρονέω (*phroneō*) significa “desenvolver uma atitude baseada em pensamento cuidadoso”.¹⁷ O léxico padrão do grego do Novo Testamento propõe que neste contexto, o verbo poderia exprimir: “deixe que o mesmo tipo de pensamento o domine como dominou Cristo Jesus” ou ainda “tenham entre vocês os mesmos pensamentos que vocês têm em sua comunhão com Cristo Jesus”.¹⁸ Φρονέω (*phroneō*) ocorre 25 vezes no Novo Testamento, dentre as quais 22 no *corpus paulinum*. Ele deriva da raiz φρήν (*phrēn*) cujos termos derivados somam cento e vinte e duas ocorrências no Novo Testamento, conforme pesquisa feita com base na edição mais recente de *Novum Testamentum Graece*.¹⁹ Destas, 77 vezes ocorrem nos textos de Paulo e 11 somente em Filipenses. Conquanto a significativa proporção de ocorrências dos cognatos de φρονέω (*phroneō*) nos escritos paulinos, conforme observa Bertram, o uso que o apóstolo faz do termo não é uniforme:

Em Fp 3.19, Paulo faz referência àqueles cujas mentes estão postas nas coisas terrenas (em contraste cf. v. 14-15; Cl 3.1-2). Rm 11.20 adverte a igreja contra a arrogância. Os crentes não devem ser sábios aos seus próprios olhos (11.25; 12.17), devem, porém, se associar aos humildes. Rm 12.3 recomenda aspiração moderada. Não devemos sonhar tão alto a ponto de errar o alvo. O objetivo de Paulo em Fp 2.2 é uma mente comum, para a qual a confissão de Cristo é o padrão (2.5), numa comunhão que o próprio Cristo instituiu (cf. 4.2). Com esta mente, os crentes rejeitarão outra mensagem (Gl 5.10). Uma mente semelhante também é o tema em 2Co 13.11 e Rm 15.5. “Observância” é o significado de *phroneō* em Rm 14.6. Não devemos observar regras, mas sim fazer julgamentos responsáveis. Maturidade significa pôr de lado raciocínios infantis (1Co 13.11). Em Fp 1.7; 4.10 *phroneō hypér* ou *epí* traz a ideia de “preocupação”, tanto em pensamento quanto em ação.²⁰

¹⁶ WALLACE, Daniel B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Batista Regular, 2009, p. 525.

¹⁷ ARNDT; *et al.*, 2000, p. 1066.

¹⁸ ARNDT; *et al.*, 2000, p. 1066.

¹⁹ ARNDT; *et al.*, 2000, *passim*.

²⁰ BERTRAM, G. phrēn, áphrōn, aphrosýnē, phroneō, phrónēma, phrónēsis, phrónimos. KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. *In: Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 684.

A intenção de Paulo com esta exortação é que os filipenses se disponham à mentalidade necessária para que o chamamento à unidade descrito nos versos anteriores (Fp 2.1-4) possa ser atendido. Pinto destaca que o mandamento contido aqui é de natureza ética e, justamente esta a razão, seu fundamento é a humilhação e a futura exaltação de Jesus que remetem ao seu ensino de que a humildade é o caminho para a grandeza.²¹ A relação estabelecida entre os deveres dos cristãos de Filipos e o modelo de Jesus, se justifica por seu senhorio. Hendricksen, sobre isso, afirma que “ele pode ser nosso exemplo pelo fato de ser, precisamente, nosso Senhor. E se ele não é nosso exemplo, então nossa fé é estéril e nossa ortodoxia, morta”.²²

3.2 A encarnação de Jesus como modelo de humildade cristã

Uma vez feita a exortação e introduzido a sua fundamentação, Paulo passa a desenvolver como se deu o exemplo de humildade que deve ser seguido. Os versos 6 a 8 deixam claro que *a exortação à humildade se baseia no exemplo de Jesus*. A apóstolo desenvolve isto descrevendo a abnegação que caracteriza a encarnação, em primeiro lugar. Depois, tratando do auto esvaziamento de Jesus em sua encarnação. E, por fim, demonstrando que o exemplo de Jesus envolve a cruz como expressão radical de sua obediência.

3.2.1 A encarnação como modelo de abnegação

O tema do trecho pode ser resumido assim: *o exemplo de Jesus fundamenta-se na abnegação em relação a sua eterna condição divina*. Este verso 6 exprime uma concessão em relação à condição pré-existente de Jesus e sua atitude na encarnação. A forma ὑπάρχων (*huparchōn*) é empregada como um particípio adverbial concessivo. Segundo Wallace, este uso “subentende que o estado ou ação do *verbo principal* são verdades *a despeito do* estado ou ação do particípio. Sua força normalmente é traduzida melhor por *embora*”²³. O mesmo autor deixa claro que ainda restam dúvidas acerca desta opção sintática, sendo plausível admitir o uso causal para o particípio em questão.

Wallace afirma com razão que não é possível separar a questão sintática do problema léxico que surge da *hapax legomenon* ἄρπαγμός (*harpagmos*).²⁴ O léxico padrão do grego bíblico divide a possibilidade de sentidos em três grupos: ou ἄρπαγμός (*harpagmos*) significa *apreensão violenta de propriedade, roubo, ou, como sinônimo de ἄρπαγμα (harpagma), algo sobre o qual se pode reivindicar ou reclamar o direito prendendo fortemente ou agarrando, algo reivindicado, com mudança do abstrato para o concreto*. Sobre este segundo sentido, os lexicógrafos inferem duas nuances. Uma opção é traduzir com *espólio, saque*. Neste caso, somente o contexto e uma compreensão do pensamento de Paulo em geral podem decidir se isso significa segurar firmemente algo já obtido (*res rapta*) ou a apropriação para si de algo

²¹ PINTO, 2014, p. 363.

²² HENDRIKSEN, 1992, p. 472.

²³ WALLACE, 2009, p. 634.

²⁴ WALLACE, 2009, p. 634.

que é procurado (*res rapienda*). A outra nuance ofereceria como tradução: *uma porção de boa sorte, uma herança inesperada, prêmio, ganho*. Neste caso, porém, permanece a questão se esta sorte inesperada se refere a algo já obtido esperando para ser utilizado ou algo de que ainda não se tem posse. Favorecendo a primeira alternativa, o léxico propõe que, optando-se por esta nuance, o trecho seja traduzido como “não considerou a igualdade com Deus um prêmio a se apegar tenazmente”. Há ainda uma terceira possibilidade de significado para ἄρπαγμός (*harpagmos*), que pode ser considerada menos provável. Neste caso, a tradução da palavra seria *rapto (místico)* e resultaria na versão “considerou que ser como Deus não era um rapto”.²⁵ Ao sintetizar este dilema, Foerster indica que Jesus não considerou sua condição de “ser igual a Deus” ἄρπαγμός (*harpagmos*) – um “ganho” ou “prêmio” cujo direito deveria ser reivindicado a qualquer custo:

Usado no NT apenas em Fp 2.6, esta palavra significa a. “o ato de apreender”; b. “o que é apreendido”; e c. “algo considerado como ganho ou proveitoso”. Em Fp 2.6 o sentido a. é impossível devido à falta de objeto, enquanto que o sentido b. tornaria dificilmente inteligível. Somos, portanto, deixados com c.: “Ele não considerou o ser igual a Deus um ganho, ou como algo que não devesse deixar, ou a ser utilizado”. Aqueles que favorecem esta primeira nuance fazem referência à tentação de Jesus, mas a referência parece pré-temporal e, portanto, seria mais bem traduzida como: “Ele não o considerou como ganho o ser igual a Deus”, sendo uma referência, não a resistência à tentação, mas a uma abnegação livre (se inesperada).²⁶

Outra difícil questão que emerge deste versículo é de natureza cristológica e está relacionada à expressão ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων (*en morphē theou hyparchōn*). Jesus é o próprio Deus ou apenas um com *forma* semelhante a um deus? Henry faz uma análise teológica deste trecho, defendendo que outros textos paralelos indicam a plena divindade de Cristo e podem elucidar este texto:

Aqui está sua natureza divina: *o qual subsistindo em forma de Deus* (v. 6), compartilhando da natureza divina, como o eterno e único primogênito, o Filho de Deus. Isto concorda com João 1.1, *no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus: é o mesmo que ser a imagem do Deus invisível* (Cl 1.15), e *o esplendor da glória e a expressão exata do seu Ser* (Hb 1.3). *Não foi nenhuma apropriação indevida o ser igual a Deus*; Ele não foi culpado de qualquer invasão do que não lhe pertencia, ou assumir outro direito que não lhe cabia. Ele disse: *eu e o Pai somos um* (Jo 10.30). A tentativa de apropriação mais grave para qualquer homem ou criatura é reivindicar ser igual a Deus, ou professar ser um com o Pai. Isto é, para um homem roubar a Deus, não em dízimos e ofertas, mas nos direitos da Sua Divindade (Mt 3.8). Alguns entendem o *subsistir em forma de Deus – en morphe Theou hyparchon*, como sendo uma referência ao aparecimento de Jesus em uma glória majestosa e divina para os patriarcas e demais judeus debaixo do Antigo Testamento. Isto foi chamado frequentemente de a Glória e o *Shechinah*. A palavra é usada em tal sentido pela LXX. e pelo Novo

²⁵ ARNDT; *et al.*, 2000, p. 133-134.

²⁶ FOERSTER, W. harpázō, harpagmós. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 88.

Testamento. Ele apareceu aos dois discípulos, *en hetera morphē* – Em outra forma (Mc 16.12). *Metemorphothe* – ele foi transfigurado perante eles (Mt 17.2). Em tudo isso, *ele não julgou como usurpação o ser igual a Deus*; ele não fez tal reivindicação gananciosamente, nem desejando se promover com tal glória; ele colocou a majestade das suas aparições anteriores de lado enquanto ele estava na terra, este pode ser o sentido da incomum expressão *ouk harpagmon hegesato*.²⁷

O significado da palavra μορφή (*morphē*) é o motivo da questão cristológica aqui. Calvino não vê motivo para debate acerca da divindade de Jesus, ainda que não seja necessário apelar para algum tipo de uso extraordinário da palavra neste texto:

Forma significa figura ou aparência, como comumente se fala. Prontamente admito isso também; mas é possível encontrar, senão em Deus, tal *forma*, sem que seja ou falsa ou forjada? Assim, [...] a essência divina de Cristo é demonstrada claramente na majestade de Cristo, a qual ele possuía igualmente com o Pai, antes mesmo de se humilhar.²⁸

Conforme informa Macleod, contudo, outros estudiosos preferiram atribuir o sentido de “caráter específico” a μορφή (*morphē*), a partir do argumento de Lightfoot de que este seria um significado específico também usado por alguns filósofos gregos. Desta maneira, μορφή (*morphē*) seria uma indicação dos atributos divinos característicos da essência de Deus compartilhada por Jesus²⁹. Por mais atraente que a proposta de Lightfoot seja, a visão mais simples apresentada por Calvino e outros é preferível, mesmo suscetível a maiores ataques, sendo, então, μορφή (*morphē*) uma forma perceptível ao observador. Em se tratando de uma manifestação de Deus, “*morphē* não é a essência, mas pressupõe a essência”³⁰, uma vez que Deus não se manifestaria de maneira diferente de quem realmente é, sob pena de estar mentindo sobre sua natureza.

Além disso, não se pode deixar de identificar que “embora existisse em forma de Deus” encontra paralelo direto em “o ser igual a Deus”, indicação muito clara acerca da divindade de Jesus. Ele renunciou aos direitos inerentes ao fato de ser igual em natureza a Deus (τὸ εἶναι ἴσα θεῷ *to einai isa theō*), ainda que sua condição pré-encarnacional fosse perceptivelmente divina. Não se trata de mera aparência divina, mas da profunda abnegação do Cristo em, apesar de sempre ter sido e eternamente ser Deus, abrir mão do direito de se manifestar perceptivelmente como é em prol do bem da humanidade. Sendo assim, conclui-se que a exortação de Paulo aos filipenses se baseia no exemplo de Cristo de não se apegar a sua condição perfeitamente divina e de igualdade com Deus Pai. Isso os levaria desenvolver uma atitude de humildade abnegada em prol do bem uns dos outros.

²⁷ HENRY, Matthew. **Commentary on the Whole Bible**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010, vol. VI, p. 1283-1284. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/h/henry/mhc6/cache/mhc6.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

²⁸ CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2010, p. 409.

²⁹ MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 229.

³⁰ MACLEOD, 2003, p. 230.

3.2.2 A encarnação como modelo de humilhação

O texto prossegue definindo que a ação modeladora da humildade cristã é a κένωσις (*kenōsis*) do Cristo. O tema evidente do versículo sete é que o exemplo de Jesus inclui seu auto esvaziamento voluntário. Naturalmente esta é uma temática controversa, sobretudo depois do surgimento da chamada Teoria Kenótica no século XIX, cujo primeiro expoente foi Gottfried Thomasius. A partir destes teóricos, a concepção de que o esvaziamento de Cristo envolve algum tipo de perda de sua divindade ganhou força entre os estudiosos.³¹

A resposta conservadora à teoria kenótica não ignora o fato de a encarnação ter implicado em algum tipo de auto esvaziamento do Filho de Deus. A questão é como se deu e do que Jesus se esvaziou. No texto, o objeto direto do verbo ἐκένωσεν (*ekenōsen*) é ἑαυτὸν (*heauton*): ele se esvaziou de si mesmo. Para Wallace, o pronome é uma referência à condição anterior à encarnação descrita no trecho ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων (*en morphē theou huparchōn*), uma vez que o participio concessivo depende tanto de ἡγήσατο (*hēgēsato*) quanto de ἐκένωσεν (*ekenōsen*).³² Assim, a ação descrita neste último verbo é, necessariamente, uma afirmação de que Jesus esvaziou-se de sua expressão divina perceptível aos outros para assumir sua humanidade. Ele fez isto, contudo, sem perder sua natureza divina. Berkhof afirma: “Quanto ao seu Ser essencial, o Logos era exatamente o mesmo, antes e depois da encarnação”.³³ Também sobre isso, Carlos Osvaldo Pinto declara que “as palavras ἐκένωσεν (*heauton ekenōsen*, “a si mesmo se esvaziou”) descrevem não uma perda ou um decréscimo na essência de Cristo, mas uma suspensão voluntária da manifestação gloriosa de tal essência”.³⁴

Ainda no verso 7, o apóstolo Paulo descreve como Jesus se esvaziou. Em primeiro lugar, ao esvaziar-se, Jesus tomou a forma de servo (μορφὴν δούλου λαβὼν *morphēn doulou labōn*). Novamente a palavra μορφή (*morphē*) aparece no argumento paulino e não há por que atribuir um sentido diferente a ela aqui. A aparência externa do Deus-homem refletia a verdadeira posição de servo que ele havia assumido. Jesus decidiu tomar para si uma posição oposta à μορφή θεοῦ (*morphē theou*, cf. Fp 2.6). O δοῦλος (*doulos*) está numa posição de completa rendição e submissão, enquanto Deus controla todo o Universo e nada o subjuga ou sobrepõe. Conforme a mentalidade grega, a posição de servo é extremamente vergonhosa, mas o Senhor de todas as coisas decidiu ocupar esta posição. Desta maneira, o auto esvaziamento do Cristo envolve sua disposição de compartilhar de toda a fragilidade humana ao ponto de ocupar o papel de escravo. Esta μορφή δούλου (*morphē doulou*) reflete as palavras do próprio Jesus ao descrever sua obra salvadora (Mc 10.45).³⁵ Ao ler esta descrição tão vívida do exemplo de seu Mestre, os filipenses deveriam ser capazes de vivenciar a verdadeira humildade cristã.

Em segundo lugar, ao esvaziar-se, Jesus ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος (*en homoiōmati anthrōpōn genomenos* “tornou-se semelhante aos homens”). Este trecho trata

³¹ MACLEOD, 2003, p. 221.

³² WALLACE, 2009, p. 635.

³³ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 307.

³⁴ PINTO, 2014, p. 363-364.

³⁵ PINTO, 2014, p. 363-364.

da humanidade de Cristo, meio pelo qual o próprio Deus se identificou com a raça humana a ponto de se tornar um homem em sua inteireza. Ao mesmo tempo, a plena humanidade do Cristo não faz dele partícipe da queda e seus efeitos. Como explica Hansen, este trecho “preserva tanto a semelhança de Cristo com os seres humanos em sua plena humanidade quanto a diferença dele com a humanidade caída em sua igualdade com Deus e sua obediência sem pecado”.³⁶ Acerca do uso de ὁμοιώμα (*homoiōma*) nesta passagem, o léxico padrão afirma:

Não há acordo geral sobre o significado em duas passagens relacionadas nas quais Paulo usa esta palavra ao falar da vida terrena de Cristo. As expressões ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων (Fp 2.7) e ἐν ὁμοιώματι σαρκὸς ἁμαρτίας (Rm 8.3) podem significar que o Senhor em seu ministério terreno possuía uma forma completamente humana e que seu corpo físico era capaz de pecar como os corpos humanos o são, ou que ele tinha a forma de um ser humano e era visto como tal, mas sem perder sua identidade como ser divino mesmo neste mundo. À luz do que Paulo diz sobre Jesus em geral, é provável que ele use nossa palavra para mostrar que Jesus em sua carreira terrena era semelhante a humanos pecadores e ainda não totalmente como eles.³⁷

Esta ambivalência de significados para “semelhança de homens”, parece refletir-se até mesmo no *Symbolum Chalcedonense* (451 d.C.) quando define que

Fiéis aos Santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e **consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado;** gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos, e nestes últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, mãe de Deus; um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis; a distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, antes é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar uma só pessoa e em uma subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos Santos Pais nos transmitiu.³⁸

No trecho destacado, o texto grego do credo traz: ὁμοούσιον τὸν αὐτὸν ἡμῖν κατὰ τὴν ἀνθρωπότητα, κατὰ πάντα ἡμῖν χωρὶς ἁμαρτίας (*homoousion ton auton hēmin kata tēn anthrōpotēta, kata panta hēmin chōris hamartias*). A presença de ὁμοούσιον (*homoousion*) destaca que Jesus é plenamente humano assim como é plenamente divino. Quanto à divindade, sua natureza ou essência é a mesma que a do Pai (ὁμοούσιος τῷ πατρὶ *homoousios tō patri*), e, quanto à humanidade, sua natureza é a mesma que a de todas as pessoas. Sendo

³⁶ HANSEN, 2009, p. 153.

³⁷ ARNDT; *et al.*, 2000, p. 707.

³⁸ GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 459-460 (grifo nosso).

assim, em Cristo Jesus há plenamente unidas, porém sem mistura ou fusão, duas naturezas (οὐσίαι *ousiai*) em uma única pessoa (ὑπόστασις *hypostasis*). Por sua vez, o adjetivo ὁμοιον (*homoion*) destaca que sua plena humanidade é semelhante à comum entre os homens, não igual. Isto se dá não por contradição na fórmula credal, mas por declaração bíblica de que Jesus é isento da mácula do pecado presente em todos e em cada um dos seres humanos criados. Por isso, Phillip Schaff argumenta que há nuances diferentes entre os dois usos de ὁμοούσιος (*homoousios*) pelo Concílio de Calcedônia: “A *homoousia* de Cristo com o Pai implica unidade numérica, ou identidade de essência (Deus é um no ser ou *monoousios*); A *homoousia* de Cristo com os homens significa apenas unidade genérica, ou igualdade da natureza”³⁹. Sendo assim, Hendricksen tem razão ao levantar dois aspectos em que a humanidade de Jesus se diferencia da dos demais homens: Somente a sua natureza humana desde o momento de sua concepção, foi posta em união pessoal com a natureza divina; “e mesmo estando carregada com os resultados do pecado (portanto, sujeita à morte), não era inerentemente pecaminosa”.⁴⁰

Por fim, ao esvaziar-se, Jesus foi achado em figura humana. Há comentaristas que tratam καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος (*kai schēmati heuretheis hōs anthrōpos*) juntamente com o trecho anterior e outros que o entendem dependente do verbo principal do verso 8. A leitura mais natural, porém, é a que inclui o particípio εὐρεθεὶς (*heuretheis*) no rol de auxiliares de ἐκένωσεν (*ekenosen*). O vocábulo σχῆμα (*schēma*) pode ser considerado um sinônimo de μορφή, (*morphē*) referindo-se ao aspecto perceptível de alguém. Neste caso, a humanidade de Jesus é ressaltada no sentido de que ao invés de ser reconhecido na glória divina que eternamente lhe pertence, ele preferiu apresentar-se plenamente identificado os homens tanto em natureza quanto em aparência visível.

Macleod parece captar o objetivo do apóstolo com este trecho ao afirmar:

Aqueles que causavam problemas para a igreja em Filipos estavam sofrendo de vanglória. Eles estavam preocupados com sua própria imagem, ansiosos por causar uma boa impressão e sempre prontos por serem reconhecidos como pessoas de influência. Ao contrário, aquele que era realmente alguém colocou a si mesmo em uma posição em que as pessoas o interpretaram completamente mal e o subestimaram. Eles olharam e viram nada mais que um homem. Não havia nada na sua aparência para distingui-lo de qualquer outro homem. Não havia nenhuma áurea, nenhum brilho, provavelmente nem mesmo algo que o tenha feito particularmente bonito ou que chamasse a atenção. Nenhuma cabeça teria se virado ao vê-lo passar. Ele pareceu totalmente ordinário.⁴¹

Assim, com estas três ações subsidiárias – tomar forma de servo, tornar-se semelhante aos homens e ser achado em aparência humana – Paulo endossa sua exortação aos filipenses com o aspecto prático do exemplo de humildade de Cristo. Ele demonstrou humildade

³⁹ SCHAFF, Philip. **Creeds of Christendom, with a History and Critical notes**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010, vol. II, p. 62. Disponível em <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds2.iv.i.iii.html>. Acesso em 22/02/2022.

⁴⁰ HENDRIKSEN, 1992, p. 481.

⁴¹ MACLEOD, 2003, p. 233-234.

descendendo à posição mais indigna possível e se identificou como um igual para o bem da humanidade que veio salvar.

3.2.3 A encarnação como modelo de obediência

O verso oito deixa claro que o exemplo de Jesus envolve obediência até sua morte na cruz. A atitude voluntária de Jesus mostrou-se uma atitude de grande desprendimento. Paulo destaca que ele se humilhou *ἑαυτὸν (heauton)* até às últimas consequências. Não foi uma doação pela metade, mas o próprio Deus foi até o fim em favor de um propósito maior. A ação de se rebaixar até o fundo do poço foi do próprio Jesus (voz ativa: *ἐταπεινώσεν etapeinōsen*), não por coerção, mas por abnegação. Isso o levou até a situação mais degradante que um homem poderia enfrentar: a humilhante e dolorosa cruz. Ele enfrentou tal situação por obediência incondicional ao plano do Pai. A repetição da palavra *θανάτου (thanatou)* demonstra que a identificação de Jesus com a humanidade chegou ao ponto de estar disposto a enfrentar o mesmo fim que os homens estão sujeitos a enfrentar, ainda que tal fim seja inaplicável à divindade. Hernandes Dias Lopes capta com correção a descendente à qual Jesus se submeteu da glória até a cruz.

Jesus Cristo serviu sacrificialmente e foi obediente até à morte e morte de cruz. Cristo se esvaziou e se humilhou quando se fez homem. Depois desceu mais um degrau nessa escalada da humilhação, quando se fez servo; mas desceu às profundezas da humilhação quando suportou a morte e morte de cruz. Por seu sacrifício, Ele transformou esse horrendo patíbulo de morte no símbolo mais glorioso do cristianismo.⁴²

Paulo mostra como este desprendimento incondicional revela a humildade de Cristo que ele esperava ver nos crentes de Filipos. Jesus decidiu não se apegar ao seu direito, se humilhar a uma posição mais baixa, mas também se sujeitou a maior humilhação humana por obediência aos desígnios de Deus. O ponto alto do ministério de Jesus foi a sua maior desonra frente aos homens. A sua maior humilhação foi também o que selou o sucesso de seu empreendimento, o que foi confirmado por sua ressurreição – por causa da sua humilhação o Pai lhe deu o nome que está acima de todo o nome (Fp 2.9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ideal de humildade que emergiu do exemplo de Jesus Cristo é o padrão que deve ser perseguido pelos cristãos na igreja de Filipos do século I e na realidade contemporânea. O desafio aumenta quando se reflete sobre o contraste entre as implicações do texto estudado e as prioridades autocentradas da geração presente. Segundo os valores propagados pela sociedade destes dias, o exemplo de Jesus representa um exemplo que não deveria ser seguido. O próprio Cristo, porém, deixou claro que no reino dos céus é maior aqueles que se humilham (Mt 18.1) e servem (Lc 22.26), assim como ele fez.

A exortação de Paulo aos filipenses se mostra cada vez mais atual, à medida em que o individualismo cresce no mundo. Enquanto a degradação das estruturas humanas aumenta,

⁴² LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses**: a alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 132.

os representantes do Reino de Deus devem ampliar o som da sua proclamação através da sua vivência, que escandaliza o mundo, mas reproduz a atitude de Cristo. Enquanto o mundo se entrega à busca desenfreada pela realização pessoal de cada um independente dos meios para alcançá-la, a igreja se mostrará cada vez mais necessária se cada cristão tiver em si a mesma atitude que houve em Cristo Jesus: desprendimento, abnegação e humilhação.

REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; *et al* (orgs.). **Novum Testamentum Graece**. 28.rev. Auf. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ARNDT, William; *et al* (edits.). **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2010.

DE BOOR, Werner. **Carta aos Filipenses: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2006.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2021.

HANSEN, G. Walter. **The Letter to the Philippians**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

HENRY, Matthew. **Commentary on the Whole Bible**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010. v. VI. Disponível em:
<https://ccel.org/ccel/h/henry/mhc6/cache/mhc6.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

HENDRIKSEN, William. **Efésios e Filipenses**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. *In: Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses: a alegria triunfante no meio das provas**. São Paulo: Hagnos, 2007.

MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

OMANSON, Roger L.; METZGER, Bruce Manning. **A Textual Guide to the Greek New Testament: an adaptation of Bruce M. Metzger's Textual commentary for the needs of translators**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

PINTO, Carlos Osvaldo C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

SCHAFF, Philip. **Creeds of Christendom, with a History and Critical notes**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010. V. II. Disponível em <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds2.iv.i.iii.html>. Acesso em 22/02/2022.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Batista Regular, 2009.